

POLÍTICA

IDEOLOGIA

Presidente rejeita rótulo de "neoliberal"

Em entrevista à televisão argentina, Fernando Henrique garante que continua social-democrata e afirma que classificação usada na luta política "não corresponde à realidade"

TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA — Em entrevista ontem ao canal de televisão *Telefe*, de Buenos Aires, o presidente Fernando Henrique Cardoso recusou ser rotulado de neoliberal e afirmou que continua sendo um social-democrata. "O que aqui se usa, na luta política, chamar de neoliberal não correspondente à realidade", contestou. O presidente criticou os partidos de esquerda contrários à aprovação das reformas constitucionais. "São pessoas voltadas para o passado", disse, lembrando que foi eleito para promover as mudanças e que conta com o apoio da maioria do Congresso.

Fernando Henrique explicou sua posição a favor da abertura das estatais ao mercado. "É errado pensar que se tem de manter uma economia autárquica e com rígido controle do Estado, em to-

dos os investimentos", argumentou. Ao explicar o programa de privatização, apresentou o cronograma de venda de estatais e ressaltou que o patrimônio do setor energético é de US\$ 50 bilhões. "Mas não é que vamos vender isso tudo", ressaltou.

Após elogiar a atuação do Congresso, o presidente lembrou que o governo tem obtido vitórias nas votações das reformas econômicas com 350 ou 360 votos a favor e 100 a 120 contra. "O Congresso não me tem falhado", afirmou, ressaltando em seguida que apenas dois ou três partidos não o tem apoiado. "Exatamente o partido que perdeu as eleições, de Lula, o Partido dos Trabalhadores", enfatizou, acrescentando ainda o PC do B e o PDT de Leonel Brizola. "Os demais partidos estão me apoiando."

Durante a entrevista, Fernando Henrique se disse favorável a uma maior participação dos tra-

balhadores nos investimentos e na gestão empresarial para tornar mais barato o custo do telefone, da energia elétrica, da gasolina e dos portos. E sugeriu que um desafio importante para os sindicatos no mundo moderno é "abrir caminho para a participação dos trabalhadores no controle das decisões".

O presidente fez questão de ressaltar que as leis de mercado vigoram no País e, apesar da necessidade de ajustes, ninguém precisa temer surpresas. "Temos a convicção de que o valor da moeda nacional é baseado no livre mercado e não em uma manobra de governo", declarou.

Para tranquilizar os argentinos em relação à balança comercial entre os dois países, Fernando Henrique garantiu que o Brasil não vai utilizar o câmbio como instrumento para aumentar suas

exportações ou dificultar as importações. As referir ao presidente Carlos Menem, reeleito recentemente, afirmou que os líderes do continente precisam ter coragem e convicção como virtudes. "É preciso estar convencido de

que se vai fazer e depois ter coragem para levar adiante", ensinou.

Respondendo a uma pergunta sobre sua segurança pessoal, reforçada após as manifestações de protesto, o presidente afirmou não temer por sua vida, mas reconheceu que os protestos contra sua comitiva preocuparam seus assessores. "Como

houve manifestações de grupos políticos organizados, que me atiraram pedras, que atiraram não sei quantas ao ônibus onde estávamos eu e os ministros, a segurança se preocupou com isso". Mas classificou o episódio como "assunto secundário."

**F H FEZ
QUESTÃO DE
RESSALTAR
QUE LEIS DE
MERCADO
VIGORAM NO
PAÍS**